

## BIOÉTICA E FÉ CRISTÃ: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Eduardo Mundim

### BIOÉTICA: CONCEITOS

Existem vários conceitos para bioética, sendo que o termo passou a ser conhecido a partir de 1.971, após a publicação de *Bioethics: a bridge to the future*, pelo norte-americano Van Rensselaer Potter<sup>1</sup>. Sua visão colocava a questão como relacionamento do homem com o ecossistema. Desde então diversos conceitos foram cunhados.

Ela pode ser entendida como a ética aplicada ao ciclo da vida humana, nascer – viver – morrer, e sua inter-relação com o meio ambiente<sup>2</sup>. Vista assim, torna-se necessário abordar o conceito de ética.

A ética pertence a filosofia, e esta, por definição, é um conhecimento jamais terminado, uma busca infinda pela verdade<sup>3</sup>.

Enquanto disciplina filosófica, a ética analisa o comportamento humano em diversas facetas<sup>4</sup>: os princípios que o motivam, disciplinam, distorcem, orientam; suas finalidades últimas, ideais, transcendentais; os fatores que o determinam. Estas diferentes facetas correspondem a diferentes pontos de partida, notadamente dois: o metafísico e o materialista. E talvez seja a existência destes dois pontos, e suas conseqüências, desdobramentos e inter-relações o solo sobre o qual se constrói toda a questão ética e, especialmente, bioética.

A filosofia é única entre as disciplinas do saber humano por não ter caráter empírico e dele prescindir para sua validação. Um determinado experimento avalia um recorte do real, um percentual mínimo de uma dada realidade, e o expressa, muitas vezes de modo matemático: o uso de determinada substância no tratamento de um mal específico; o impacto de reajuste de honorários sobre a economia; o mecanismo da fotossíntese; a resistência de um material; etc. À filosofia interessa a visão do conjunto, e não uma pequena parte dele. A ela cabem juízos de valor, enquanto aquelas juízo de realidade. O cientista procura e estuda dados; o modo como o faz nasce da filosofia: quando ele trabalha, o faz sobre pressupostos que não discute, aceitando-os pacificamente. Quando os discute, filosofa. E não será qualquer discussão chamada filosófica, mas apenas quando for radical (dirigindo-se às raízes do problema), rigorosa (segundo uma metodologia crítica) e com visão de conjunto (levando em consideração o objeto específico em relação ao todo)<sup>3</sup>.

A ética se preocupa com a verdade, enquanto a bioética com a questão do bem. A ética e o bem existem em função da universal característica humana de viver comunitariamente. Não houvesse um outro a se relacionar, não haveria a questão do bem; provavelmente não haveria questão nenhuma. Viver gregariamente é característica universal dos seres vivos, sejam microscópicos (colônias de fungos e bactérias), irracionais (os coletivos alcatéia, cardume, vara p.ex.) ou humanos. Questão de sobrevivência, pois a cadeia ecológica compreende comunidades que caçam outras como alimento, e questão de desenvolvimento pleno, onde o exemplo melhor acabado é do ser humano. Este, ao nascer, depende do outro para sua sobrevivência e, fundamentalmente, para se constituir como sujeito, tarefa esta

exercida por todos aqueles que desempenham a função materna.

Viver em sociedade é “com-viver”, em um ajuste pré-estabelecido de mútuos deveres, responsabilidades e direitos, com o objetivo de sobrevivência e de pleno desenvolvimento das potencialidades individuais e do grupo. Ética é a elaboração ativa do compromisso mútuo<sup>5</sup>.

O conhecimento progressivo da Criação, de suas leis físicas e ecossistemas biológicos, associado à técnica cada vez mais refinada e, a partir da revolução industrial, mais disponibilizada, projeta a Natureza como recurso a ser explorado para a felicidade do homem<sup>6</sup>.

A bioética, portanto, pode ser entendida como o uso das ciências biológicas em seus diversos aspectos e ramos visando o aprimoramento do compromisso mútuo, o desenvolvimento do grupo como um todo e o crescimento dos seus membros individualmente.

## **BIOÉTICA: FONTES**

A ética, por ser a atividade de uma atribuição de valor, nasce e age nas emoções humanas. Não é possível emitir algum juízo de valor de modo a não se ver refletido nele. Juízos de realidade são forjados, a princípio, a partir da observação e experimentação. A gravidade, o princípio de Arquimedes, o efeito Joule, o crescimento bacteriano nada dizem ao ser humano enquanto valor: não se fazem guerras por causa deles. Mas pessoas foram à prisão por defenderem o modelo heliocêntrico, bombas são explodidas em clínicas de aborto legalizadas nos Estados Unidos, plantações de soja transgênica são atacadas no sul do Brasil.

É característica humana o vivenciar a emoção: racionalizar; recordar; hierarquizar; reprimir; compartilhar; transmitir. Ao viver comunitariamente, a tendência é uma certa uniformidade de valores, espontânea ou imposta. Quando, em dada cultura, determinado juízo é cristalizado após um processo complexo, de duração variável, no seio de um contexto histórico específico, cria-se a possibilidade da sanção para o caso de ser desrespeitado. Nasce a moral, fundamento para a vida societária. Sua codificação enrijece a ação dos cidadãos, harmonizando, à força se necessário, posturas individuais em nome do todo<sup>2</sup>. A ciência moral (deontologia) nasce neste momento, ensinando a conhecer os deveres e as normas de relacionamento dentro do grupo. Nunca é demais lembrar que nasce após um período de efervescência, de elaboração ativa (ou seja, de ética) de um determinado princípio em resposta a determinada questão nascida em um contexto histórico e econômico no mínimo modificado, se não completamente novo; um período de autonomia. A este se sucede o longo período de heteronomia, da moral<sup>5</sup>. A tensão, em maior ou menor grau, sempre estará presente, entre a aceitação da norma (submissão a um “dogma” feito no passado sem a participação do sujeito atual) e a sua recusa (atitude que mira o futuro, de uma perspectiva inicialmente individualista). Tem-se então as atitudes morais (submissão), imorais (insubmissão), amorais (negando a norma) e não morais (fora do âmbito da norma)<sup>3</sup>.

Quais recursos ou dados serão utilizados na elaboração de uma resposta solicitada?

Indubitavelmente, a razão, entendida como a capacidade de raciocinar, elaborar

nexos causais e criar modelos é a ferramenta principal. A partir de uma moral prévia que está sendo questionada, ela trabalhará as informações obtidas do meio (incluindo a capacidade tecnológica de obter algum fim) e ponderará influenciada por uma determinada visão de mundo. Mas a bioética tem a ver com o Bem. E como defini-lo? Pode ser identificado com a felicidade de um ser humano específico, à revelia das consequências sobre os outros? Com a felicidade da maioria, em detrimento de um grupo menor? Com o desenvolvimento de todo o potencial de apenas alguns membros do corpo, ou de todos? Existe algum deus que estabeleça limites ou decrete uma moral perene, válida para todas as circunstâncias?

A primeira vista, a grande questão bioética é: frente a uma determinada capacidade tecnológica, potencial ou já completamente instalada, o obstáculo a ser enfrentado é o acordo coletivo do viver em comunidade (incluindo o tipo de sociedade desejado) que coloca sempre o outro como contrapeso de uma vontade individual ou é alguma norma sobre-humana?

Na história da humanidade as religiões sempre se constituíram como reguladoras e inspiradoras do comportamento. E o que as caracteriza é o caráter revelatório: o homem não é chamado a construí-la, mas a aceitá-la; a ele não é dado modificar a revelação, mas buscar nela as respostas que a vida solicita. Algumas estabelecem um corpo de interdições e obrigações abarcando quase todos os aspectos da vida; outras, com um grupo mínimo, deixando livres o restante.

O mundo ocidental, nos últimos dois mil anos, foi moldado a sombra do cristianismo estatal, fato consolidado com a “conversão” do imperador romano Constantino. A partir deste momento, todo um tesouro de fé passou a ser regulado e supervisionado pelo Estado; fato este que, se não impossibilitou a evolução da fé cristã, domesticou-a. A igreja, enquanto instituição humana, cresce segundo modelo de autoridade, retirando dos seus membros a faculdade de examinar as crenças por si mesmos. A interpretação dos textos sagrados passa para um corpo especializado (o clero), em íntima associação com o Rei. A ética passa a ser determinada de cima para baixo, não por Cristo, mas por aqueles que se vêem como seus delegados. Apenas mil anos após, a Reforma protestante introduz, entre outros conceitos, o da livre interpretação: cada crente é chamado a interagir com os textos sagrados e tirar suas próprias conclusões. Contudo, a contaminação estava enraizada de tal modo que somente alguns séculos após Lutero a livre interpretação ficou livre do fardo estatal.

Não há como desvincular valores éticos de valores religiosos; compartilham entre si muito mais que um núcleo comum. Religião agora entendida como a construção que o sujeito faz frente aos mistérios da vida, principalmente a morte, mas incluindo tudo aquilo que movimenta suas emoções mais profundas. Religião agora entendida não como um corpo de crenças imposto, mas como o fio condutor de comportamento que pode ser intuído pela observação e análise das atitudes ao longo do tempo.

Tantos sejam os sistemas religiosos, tantos serão as morais (valores éticos consolidados). É possível colocar uma acima da outra? Em que base? Existem valores universais, aplicáveis a todas as culturas em todos os tempos?

## **BIOÉTICA: RELEVÂNCIA**

O desenvolvimento tecnológico abriu possibilidades impensadas no último

século, em todas as áreas. Na militar, a criação de armas cada vez mais potentes (maior número de baixas – mortos e feridos no campo inimigo), eficientes e “cirúrgicas” (propõe-se a acertar o centro do alvo, sem erros); na agricultura, o aumento da produção por hectare, redução das perdas por pragas às custas de defensivos agrícolas e, mais recentemente, através de organismos geneticamente modificados; na medicina, redução do impacto das doenças infecto-contagiosas, prolongamento da vida com qualidade superior ao então possível, aumento das possibilidades reprodutivas e a capacidade efetiva de planejamento familiar; na vida social, difusão mais rápida das informações, não importando a fonte. Os exemplos se sucedem. Contudo, cada avanço que a ciência possibilitou nasceu com uma promessa já quebrada desde o início: as guerras continuam em grande número, e tão cruéis quanto antes; a fome permanece, ao lado de uma maior produção de alimentos e casada com um desperdício significativo; os avanços na saúde são restritos a poucos, e a influência da indústria (tanto farmacêutica quanto diagnóstica) é pouco debatida; as informações são, na prática, veiculadas por grandes empresas de comunicações.

Este desenvolvimento científico se tornou possível a partir do predomínio da razão, estabelecido pelo iluminismo, que prometia a emancipação do homem, entendida como uma ligação permanente entre o avanço tecnológico e a felicidade humana, bem como a liberdade para todos. O homem contemporâneo não é mais escravo dos fenômenos naturais como era o primitivo (ainda que vulcões, terremotos e furacões permaneçam indomados) nem da estrutura e ideologia eclesiásticas como era o medieval (sucidadas pelas ideologias patrocinadas pelos Estados), mas está também à mercê da técnica e dos detentores/controladores deste saber fragmentado. A consequência da racionalização de todos os aspectos da vida humana atual, ou seja, tudo é administrado de modo objetivamente técnico, é a submissão ao tecnocrata<sup>6</sup>.

Esta mesma razão não foi capaz de impedir a eclosão de pelos menos dois grandes conflitos bélicos, tendo a Segunda Grande Guerra trazido à tona experimentos científicos em humanos que violaram a fronteira entre o humano e o não humano em escala industrial. Fatos possíveis a partir do momento que não se considera o homem como o fim, o alvo, de algum processo, mas simplesmente o meio; quando não se colocam direitos humanos como absolutos em relação a qualquer outra demanda; quando as “razões de Estado” são superiores aos direitos inalienáveis de um ser humano isolado<sup>6</sup>.

A capacidade e a habilidade de fazer algo tem de ser limitada por uma ordem superior a elas, se o objetivo for um planeta onde todos desfrutem de iguais condições de vida aprimoradas, sem metrópoles e colônias, sem suseranos e vassallos, seja entre nações diferentes, seja entre regiões de um mesmo país, seja entre cidadãos de uma mesma cidade.

A quem cabe esta tarefa? Quais recursos serão necessários para sua execução? Quais princípios a nortearão? Como dirimir conflitos?

## **BIOÉTICA E FÉ CRISTÃ: DIÁLOGO A SER CONTINUADO**

Tomando apenas a ética em saúde, a bioética, a relação de questões sob sua égide cresce. Temas como meios contraceptivos, fertilização *in vitro*, diagnóstico de doenças fetais antes do parto, diagnóstico precoce de má formações fetais graves, uso de alimentos transgênicos, aborto, eutanásia e suicídio assistido, dentre outros podem parecer discussões assaz filosóficas, pouco práticas quando não se está pessoalmente

envolvido. Mas são temas que trazem no bojo perguntas como “o que é uma pessoa?”, “quando um embrião ganha status de ser humano?”, “o ser humano pode ser destituído de sua humanidade em alguma circunstância?”, “quais os limites dos direitos maternos?”, “quais os alcances dos direitos do feto?”, dentre outras.

Ética é atribuir valor, é ordená-los com um fim, é dar à luz uma norma moral válida para uma dada questão em um lugar e tempo determinados.

A fé cristã, assim como todas as outras, estabelece valores, pois esta é a função de todas as religiões: “pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido... que seja espelho, espaço amigo, lar...”<sup>7</sup>. Sem valores, o ser humano não conseguiria ver a si mesmo, pois valores têm a ver com desejos, e esta é a característica que o difere dos demais animais.

Enquanto matriz da cultura ocidental, a fé cristã, seja conservadora, fundamentalista, liberal ou atendendo por qualquer outro rótulo, é o terreno onde as decisões éticas florescerão. E isto se dará provavelmente enquanto a sociedade ocidental assim se identificar.

Contudo, havendo tantos rótulos, tantas éticas haverá.

## **BIOÉTICA E FÉ EVANGÉLICA: DESAFIOS E OBSTÁCULOS**

Os cristãos tem um histórico de inserção nos problemas sociais onde quer que vivam, ainda que algumas vezes negativamente. Os evangélicos não são exceção, sejam no campo político (Calvino idealizando Genebra), sejam no da ação social (Wesley e os metodistas); alguns morreram não por questões metafísicas (não era este o desafio enfrentado) mas por lutarem por direitos negados (Martin Luther King) ou contra um governo visto como a encarnação da negação do Evangelho (Dietrich Bonhoffer). Cada um procurou estabelecer ou lutar por valores compatíveis com a herança cristã, ainda que em esferas diferentes e atuação particular.

A ética, e a bioética, não têm donos, não estão formadas em definitivo (nem poderão, pois se transformariam em moral), são multidisciplinares. Não são resolvidas no campo experimental, ainda que possa ouvi-lo, e seja este hoje sua principal fonte de desafios. E estes não existiam na época dos apóstolos, dos pais da Igreja ou dos reformadores. As Escrituras refletem uma série de desafios éticos das épocas de sua redação inspirada, não respondendo, portanto, diretamente as questões atuais.

Ainda que com ênfase e pesos diferentes, as principais denominações evangélicas brasileiras crêem que:

“há muitos pobres sem lar, sem pão  
há muita gente sem salvação.  
meu Cristo veio p'ra nos servir,  
o homem todo sem dividir,  
não só a alma do mal salvar,  
também o corpo ressuscitar.  
Há muita fome no meu país,  
há tanta gente que é infeliz,  
há criancinhas que vão morrer,  
há tantos velhos a padecer.  
Milhões não sabem nem escrever,

milhões de olhos não sabem ler,  
nas trevas vivem sem perceber  
que são escravos de outro ser.  
Aos poderosos eu vou pregar,  
aos homens ricos vou proclamar,  
que a injustiça é contra Deus  
e a vil miséria insulta aos Céus.”<sup>8</sup>

Este canto moderno, datado da década de 70, foi cantado, e depois censurado por órgãos oficiais, durante o Congresso Missionário da Aliança Bíblica Universitária, e demonstra que existe um “modo evangélico de se buscar a felicidade para o homem”.

Unanimamente, a igreja evangélica confessa que Deus se revela diretamente ao homem através dos textos contidos na Bíblia, sendo qualquer outra revelação julgada através das Escrituras, e nenhuma sendo superior a elas. Reconhece que a Revelação não é completa, mas suficiente para se conhecer a Vontade de Deus no que diz respeito: a convivência do ser humano e Ele; as condições desta; as relações ideais entre os homens e entre eles e Ele. Reconhece que a vontade individual de cada cristão deve ser confrontada e moldada pela mesma Revelação, e que esta deve ser lida e estudada por cada crente individual, e que existe um espaço para interpretações pessoais.

Para o evangélico professo, por opção e não por condicionamento cultural, a elaboração ética tem limites outorgados que se ajuntam aos limites determinados pela existência do próximo. A existência deste limite metafísico não é questionada, mas sim quais são eles. E, como evangélicos, a resposta última tem de ser dada através das Escrituras e isto lhes define a identidade, e não os diminui. A parceria com Deus na construção do mundo é vista, com orgulho e humildade, como construção de sua imagem enquanto sujeito, e sempre em submissão a Ele, não vindo no fato razão de revolta. Postura, neste aspecto, que difere radicalmente daquele que nega a existência da realidade metafísica.

A igreja evangélica, assim como todas as cristãs, consideram serem depositárias de uma verdade universal, não demonstrável matematicamente, com respaldo filosófico, mas prescindindo dele para aceitação, sendo matéria de fé. No decorrer da história, o tamanho deste depósito imutável cresceu, a ponto de diversas cisões acontecerem ao se discutir seu conteúdo exato<sup>9</sup>. Um dos maiores desafios para ela é aceitar a diferença entre assuntos com abordagem bíblica direta (o mandamento “não matarás”) daqueles não abordados (quando um embrião se torna ser humano), e criar uma metodologia evangélica para abordá-los.

A hierarquia de valores precisa ser estabelecida na discussão de qualquer tema ético/bioético, pois sua ação e testemunho ocorrerão em um mundo hostil a sua crença, mas mundo para o qual foi enviada para ser sal e luz. Tomando a recente questão do aborto de crianças anencéfalas: a pergunta primordial são os direitos e emoções da mãe, ou daquele feto? Qual atitude demonstrará melhor o amor de Deus neste situação de sofrimento? O que importa mais, a demonstração prática deste amor (não importando o desfecho, parto extremamente prematuro – aborto, ou deixar nascer para morrer poucas horas depois) ou a obediência cega a um princípio moral, seja ele qual for (não seria isto farisaísmo, tão combatido por palavras e atos por Jesus)?

Pode alguém, ou algum grupo, numa sociedade plural, obrigar, ou deixar de

permitir algo, em função de conclusão alcançada, outro grupo ou pessoa a tomar a decisão que lhe parece a correta? Quais seriam estes valores? Pode a sociedade permitir tudo, ou restringir tudo?

#### Referências bibliográficas:

1. Costa SIF, Garrafa W, Oselka G. Apresentando a bioética. *In Iniciação à Bioética*. SIF Costa, W Garrafa, G Oselka (org). Conselho Federal de Medicina, Brasília, 1.998, 318 p.
2. Segre M. Deontologia em medicina. *In Ética, moral e deontologia médicas*. A Petroianu. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2000.
3. Aranha MLA, Martins MHP. Filosofando: introdução à filosofia. Editora Moderna, São Paulo, 1.986, 443 p.
4. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 1ª ed, Editora Objetiva, Rio Janeiro, 2001.
5. Corrêa JA. Da deontologia médica à bioética. *In Ética, moral e deontologia médicas*. A Petroianu. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2000.
6. Silva FL. Da ética filosófica à ética em saúde. *In Iniciação à Bioética*. SIF Costa, W Garrafa, G Oselka (org). Conselho Federal de Medicina, Brasília, 1.998, 318 p.
7. Alves, R. O que é religião, 2ª ed, Editora Brasiliense, S Paulo, 1981, 132 p.
8. Canto "Que estou fazendo de sou cristão", hino oficial da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil
9. Olson, R. História da teologia cristã, Editora Vida, S Paulo, 2001, 668 p.